

— «Dás-lhe realmente muita importância se deixas que controle a tua vida dessa maneira», disse-lhe eu. E ele retorquiu: «Gostarias de saber se quero ouvir o que me estás a dizer?»

— Disse isso?

— Não. Mostrou-mo.

Doutor Wayne W. Dyer & Lua Senku,
Diálogos

1

— Quando tu nasceste, eu tinha acabado de...

— Não acredito em ti — disse Rosa rindo —, não é possível que te recordes de tal coisa...

Tinham quinze anos de diferença. Rosa tinha vinte e cinco e José María, quarenta. Ele estava tão apaixonado que se achava capaz de tudo, até de recordar aquilo que estava a fazer quando ela nasceu: tinha acabado de? Nessa altura, ele namorava uma rapariga muito alta e muito magra, que se arrebitava toda de cada vez que ele lhe punha a mão na cintura; parecia então ainda mais alta e ossuda do que era. A rapariga era uma cabeça mais alta do que ele, ceceava, usava roupa elástica e alisava o cabelo; e, mesmo assim, faziam sexo. José María namorara com a rapariga durante um ano inteiro: havia uma hipótese em vinte e oito de que ele estivesse realmente a fazer amor no dia do nascimento de Rosa (fevereiro). Pensou naquilo em *dias*, não em *segundos*: não conseguia ignorar que «se o orgasmo durasse três minutos, ninguém acreditaria em Deus», como diz o Dr. Dyer; além disso, fazer corresponder memória a unidades de tempo tão pequenas seria equivalente a provar a sua existência. Fosse como fosse, aquilo era uma brincadeira, um jogo. E Rosa estava encantada, pelo menos com a intenção. Abraçou-o.

Deixou que Rosa lhe cobrisse o rosto de beijos. Quando a orelha de Rosa passou perto da sua boca aproveitou para lhe perguntar:

— Dás-me o cu?

Rosa congelou.

— Uh... — disse ela.

— Que é que se passa?

— Sabia que mais cedo ou mais tarde ias...

— Não queres?

— É que...

Muitas vezes, Rosa não terminava as suas frases. Estava extremamente excitada, mas não concluir o que começara a dizer era a sua maneira habitual de falar; não tinha nada que ver com a excitação: pensava com a velocidade de um raio, os seus pensamentos atropelavam-se e interrompiam-se.

— Vais gostar...

— Não sei...

— Garanto-te.

José María olhou-a por um momento em silêncio e, como Rosa não dizia nada, saiu de cima dela, deitou-se ao seu lado e passou uma mão pela sua cintura para a virar. Mas Rosa arqueou o corpo e afastou-se rapidamente, como se o contacto da mão de José María lhe tivesse provocado um choque elétrico.

— Que é que tens?

Ela recusou com a cabeça.

— Dá-mo, Rosa, sei o que estou a dizer...

Rosa ajeitou-se na cama, olhou para ele e perguntou:

— Amas-me?

— Sabes que sim...

— E então, porque é que me queres obrigar...?

— Meu amor, que é que uma coisa tem que ver com a outra?

Há dois meses que estamos juntos. E tu a mim, amas-me?

— Adoro-te.

— Pois eu também!

— Sabia que um dia me virias com...

— Sabias porque também queres. *Por isso* sabias.

— O que se passa é que eu nunca...

— Eu também nunca o fiz...

— Mesmo?

— Porque que é que te mentiria?

— Tu nunca fizeste amor pelo... com ninguém?

José María cruzou os dedos e beijou-os. Estavam os dois completamente nus no quarto de um hotelzinho no Bajo, onde iam aos sábados; as únicas coisas que estavam a usar eram os respetivos relógios. Na semana anterior, José María tinha comprado dois *Rolex* falsos e tinha oferecido um a Rosa.

José María conseguiu ver as horas no *Rolex* de Rosa: faltavam vinte minutos para o meio-dia. A essa hora, teriam de deixar o quarto.

— Não me estás a mentir?

— Que é que queres, que to jure? Juro daqui até à China, se quiseres. Juro por Deus.

— Acredito em ti. Que tola que eu sou, digo «acredito em ti» e tu vais achar que eu estou a ceder!

— Meu amor, já chega de conversa. Restam-nos vinte minutos...

— E que é que queres fazer comigo em vinte minutos...? Vinte minutos não são nada para uma coisa dessas!

— Rosa, eu amo-te.

— Sim, já sei...

— Que importa o tempo quando há amor?

— O que se passa é que isso para mim é muito...

— Experimenta, pelo menos. Deixa-me experimentar. Vamos experimentar.

— E se doer?

— Mas não vai doer! Se doer, eu paro.

— Vais amar-me da mesma maneira depois?

José María sorriu.

— Vem aqui, dá-me um beijo... — disse-lhe.

Rosa beijou-o, mas primeiro fez uma pausa: ela sabia que o beijo era um «sim».

No fundo, estava cheia de vontade. Ter-lhe-ia dado tudo. Se tivesse dois cus, ter-lhe-ia dado os dois. Amava-o. O seu medo não era que lhe doesse, nem sequer receava que ele lhe perdesse o respeito. Na realidade, não tinha medo de nada. O seu desejo excedi-a, da mesma forma que os seus pensamentos se adiantavam às suas palavras; era só isso. Não, havia mais: mal podia esperar para que José María lhe pedisse para fazer amor por trás.

Tinham-se conhecido na fila do supermercado Disco. José María era um trabalhador da construção civil. Rosa era mucama na mansão dos Blinders. Ele tinha-se ausentado da obra onde trabalhava (ainda um esqueleto de edifício a dois quarteirões da mansão), para comprar a carne e o pão para o assado do meio-dia, e tinha ficado mal posicionado na fila, precisamente atrás de Rosa, que tinha comprado muita coisa: o seu carrinho de compras transbordava. José María calculou que a rapariga ficaria pelo menos meia hora na caixa. Deu uma olhadela às caixas vizinhas, mas as filas eram demasiado longas e ele deixou escapar um sibilo de descontentamento. Rosa ouviu-o; olhou para o cesto vermelho que José María segurava numa das mãos (havia um saco de pão e um outro com as fatias de carne para o assado) e perguntou-lhe:

— Quer passar à frente?

A proposta desconcertou José María. Levantou as sobrancelhas e fez um movimento muito breve com a cabeça que era simultaneamente uma negação e uma afirmação.

— Não, não é preciso, não há problema...

Não estava habituado a nenhum tipo de amabilidade. Assim sendo, enquanto Rosa começava a tirar os produtos do carrinho, entendeu a gentileza como uma resposta ao sibilo de impaciência que ele mesmo soltara um minuto antes, ao ver a enorme quantidade

de coisas que ela havia comprado e ao calcular o ror de tempo que levaria a passar tudo pela caixa.

— Não quis dizer... — balbuciou.

Rosa deu meia volta e olhou para ele. Olhou-o séria, calada.

— Não quis... — repetiu José María.

Às vezes, dava-lhe muito trabalho fazer-se entender.

Rosa voltou a inclinar-se sobre o carrinho e continuou a descarregar os produtos.

— Obrigado na mesma — insistiu José María.

— De nada.

A empregada da caixa sorriu, baixou os olhos para a embalagem de leite que tinha na mão e teclou os números do código de barras, pensando que havia algo entre aquele tipo e aquela rapariga, ou que iria haver. E não estava errada.

Quando Rosa terminou o que tinha de fazer (deixou tudo para entrega ao domicílio) e saiu do supermercado, não se foi imediatamente embora: atravessou a rua e deixou-se ficar no campo de visão de José María, fingindo olhar para a montra de uma loja. José María saiu um minuto depois, com o saco de compras pendurado num dos dedos. Atravessou a rua diretamente em direção a ela.

— Estou a incomodar-te? — perguntou ele.

Rosa havia-o visto chegar, refletido no vidro, mas fingiu surpresa e até um certo sobressalto. Deixou, inclusive, escapar:

— Ai...! — e levou uma mão ao coração. — Que susto que apanhei!

— Peço desculpa.

— Não foi nada...

— És daqui?

— Dali — disse Rosa, apontando com um dedo para a mansão da esquina.

— Que casinha, hem? — comentou José María. — Estou a trabalhar aqui perto, mesmo ao virar da outra esquina...

— Ah, sim?

— Sim. Venho sempre fazer compras aqui.

— E em que ramo é que estás?

— Construção.

— Ah, olha que bem...

— Sim, está com bastante movimento agora.

— Como?

— A construção. No ano passado, não havia nada. Agora, está bastante mais movimentada. E tu?

— Sou mucama. Tudo muito tranquilo.

José María sorriu, como se de repente se tivesse lembrado de alguma coisa, e estendeu-lhe uma mão.

— José María — disse.

— Rosa — disse ela, dando-lhe a mão.

— Encantado.

— Igualmente.

— Bem, Rosa...

— Sim...

— E tu, também fazes sempre as compras aqui?

— É o único sítio que há...

— Mas é muito bem abastecido. Até discos tem. Recentemente, vi um disco da Shakira em promoção... Gostas da Shakira?

— Sim. Tem uma voz...

— De que música gostas?

— Bem... Cristian Castro... Iglesias...

— O pai ou o filho?

— O filho, desde sempre. A senhora ouve discos do pai quando está sozinha. Quando há pessoas por perto, não, quando há pessoas por perto, põe a tocar essa música clássica que... — E acrescentou, rindo: — As pessoas dizem-lhe: «Tira isso, Rita», mas ela não liga nenhuma... Não sei porque é que põe essa música a tocar se nem ela gosta!

— Não gosta e põe-na a tocar? As pessoas são muito estranhas... Com que então Enrique Iglesias. Chama-se Enrique, não é?

— Enrique, sim. Mas gosto mais do Cristian Castro, toca-me mais...

— E de cúmbia, não gostas nada?

— Antes gostava. Agora, estou um pouco farta.

— Eu também. E eu fui criado ao som de cúmbia. A minha velhota dizia-me que, quando me tinha na barriga, punha o rádio que estava a passar cúmbia em cima do seu umbigo, vê lá o que te estou a contar. Mas tens razão: com o tempo acaba por cansar.

— Sobre isso, não estou muito de acordo. Não gosto, porque nunca gostei. Mas conheço pessoas que gostam e que irão gostar sempre...

— Mas ainda há pouco me disseste que antes gostavas de cúmbia...!

— Não, a verdade é que eu nunca gostei. Passa-se que não te quis ofender, porque me pareceu que tu...

— Sim, tens razão, eu sou cumbeiro de coração, porque é que te hei de mentir?

— Inacreditável, não? Acabámos de nos conhecer e já estamos a mentir um ao outro...

— Bem, mas isto não é bem mentir — disse José María, minimizando a importância do assunto; é um tema de conversa como outro qualquer. Vai-se tateando e por respeito...

— Prudência. Isso é muito bom.

— É perfeito.

— É assim que deve ser. A mim, a prudência parece-me... Para mim, quando alguém te diz a verdade de chofre...

— Mas tu tens cara de ser sincera...

— Obrigada.

— Não, não, estou a falar a sério! Olho para ti e percebo que és sincera. Como é que disseste que te chamavas?

- Rosa.
- Rosa, belo nome.
- Obrigada. Bem...
- Vais-te embora?

A conversa continuou nestes termos por mais alguns minutos, porque estavam derretidos um com o outro e nenhum dos dois tinha vontade de se ir embora. Não se haviam movido um único milímetro do lugar em que estavam, pareciam pregados ao chão; embora avançassem e retrocedessem permanentemente, faziam-no sempre de e para o mesmo ponto, apoiados em movimentos de cintura, como se o impacto do amor à primeira vista os tivesse feito perder o equilíbrio.

O porteiro do edifício ao lado observava-os pelo canto do olho, estudando-os. A ela, tinha-a visto um milhão de vezes, sempre sozinha, mas esta era a primeira vez que o via a ele, e não gostou da forma como lhe falava. De pé, diante da entrada do edifício, o porteiro fazia um grande esforço para escutar a conversa; ouvia pequenos fragmentos, frases soltas, tais como «Em quem é que votaste?», «Ah, não, o voto é secreto», e sentia que lhe subia pela garganta uma onda de indignação: era óbvio que o desconhecido estava «deliberadamente» a seduzir a mucama dos Blinders.

Não havia um código no bairro, mas tudo levava a crer que existia um. Não havia, mas mesmo assim funcionava. Era um código instintivo, que estava para lá daquilo que era evidente (a qualidade da roupa, a cor da pele e do cabelo, a dicção, a forma de andar) e que incluía, naturalmente, o pessoal doméstico. Em linhas gerais, o que se fazia era «marcar» os corpos estranhos, principalmente com o olhar, transmitindo-lhes a sensação de estarem a ser vigiados: uma insolência muito eficaz, avalizada e praticada por todo o bairro, incluindo por um bom número de animais de estimação. De facto, muito rapidamente, o porteiro deixou de os observar de soslaio para passar a olhar para eles de forma aberta, e chegou mesmo a dar um passo na sua direção, de sorte que ouvisse melhor o que diziam.

Não ouviu grande coisa: naquele momento, José María e Rosa despediram-se um do outro. A única coisa que conseguiu escutar claramente foi a promessa que fizeram de se voltarem a ver. Rosa deu uma rápida corridinha até à mansão. José María ficou a olhar para ela por um momento e depois deu meia-volta e dirigiu-se para a obra.

Passou pelo porteiro assobiando e fazendo balançar o saco com o assado. O porteiro, mais desafiador do que nunca, agora que José María se ia, deu um passo em frente fingindo-se distraído, como se quisesse ver algo na berma do passeio, e pôs-se no caminho de José María. Foi tudo tão rápido como premeditado: queria forçar José María a passar por trás dele, para que pudesse então girar sobre os calcanhares e segui-lo com os olhos: um insulto. O que escapou ao cálculo do porteiro (um homem magro, mas barrigudo, de ombros enxutos, muito pouco observador) foi que o desconhecido poderia sentir-se efetivamente insultado.

— Para onde é que estás a olhar, espécie de imbecil? — disse-lhe José María, sem se deter.

O porteiro ficou mudo, paralisado. Quando, finalmente, conseguiu reagir, já José María estava na esquina. «Meu Deus, como é ágil», pensou. «Aposto a minha cabeça em como este tipo é capaz de saltar de um passeio para o outro sem tocar na rua.»

Algumas horas depois, à tarde, voltou a vê-lo. Eram seis e meia, para ser exato. O porteiro já se tinha lavado e mudado e estava novamente à porta do seu edifício, fazendo, como fazia todos os dias, um enorme esforço para parecer aborrecido. José María havia terminado o seu dia de trabalho: também ele se tinha lavado e trocado de roupa, e caminhava agora em direção à mansão dos Blinders.

Era a primeira vez que por ali passava ao final do dia; regra geral seguia pela rua da obra até ao Bajo, onde apanhava o autocarro para sua casa, em Capilla del Señor. Só de pensar que tinha duas horas de viagem pela frente dava-lhe sono. Passou ao lado do porteiro, cabeceando.

— Ei, tu — disse-lhe o porteiro.

José María deteve-se. Olhou para ele. Não o olhou de cima a baixo, olhou-o diretamente nos olhos e perguntou-lhe:

— Que é que foi?

— Fiz-te alguma coisa, a ti?

— Porquê?

— Esta manhã chamaste-me «imbecil»...

— Lamento. Acontece que eu estava a conversar aqui ao lado com uma moça e tu estavas a tentar observar-nos e... sei lá, viste o que se passava. Conhecemo-nos, nós?

— Não creio.

— É por isso que te digo. É feio ficar a olhar assim para as pessoas. E depois, ainda por cima, fingiste-te distraído e puseste-te no meu caminho. Por isso é que te chamei imbecil.

— Não gostei.

— E então, que é que queres que eu faça?

— Que me peças desculpa, pelo menos...

José María estava cansado, não lhe apetecia nada discutir, por isso, soltou uma risada e continuou a andar. O porteiro parou no meio do passeio e, enquanto o via afastar-se, pensou mil vezes em dizer-lhe que voltasse para trás, chegou mesmo a ensaiar mentalmente vários tons de voz, mas não conseguiu sequer dizer de novo «ei». Frustrado e raivoso, enfiou-se em casa. Bateu a porta com tanta força que a sua mulher deixou cair o saleiro na panela.

— Para a puta que os pariu com estes pretos de merda! — esbravejou enquanto discava um número no telefone. — Olá, Israel? — Israel ouviu alguém lhe dizer do outro lado da linha. — Sou eu, Gustavo — disse o porteiro. — Estás ocupado?

Israel revirou os olhos:

— Isso é que é pontaria, Gustavo — disse ele —, estava a começar a comer...

— Telefone-te, então, mais tarde...

— Não, diz-me, o que é que se passa...

Entretanto, José María havia parado na esquina da Avenida Alvear com a Rodríguez Peña e olhava para a mansão. Não havia luz em nenhuma das janelas, exceto nas da cozinha, no piso térreo, e em mais uma no primeiro andar. A casa era imponente: acinzentada, coberta de musgo, com falhas no reboco aqui e ali, e como que aureolada de fumo, mas não era preciso ser muito culto para reparar na esplêndida *patine* que a envolvia; não era preciso ir mais longe, a escadaria de mármore branco da entrada principal derramava-se sobre o jardim com tal plasticidade que dava a impressão de ter sido feita com um saco de pasteleiro. «Que beleza», pensou. Coçou uma axila e começou a dizer em voz muito baixa, mal descolando os lábios: «Rosa... Rosita...» Era um chamamento... Nunca antes tinha feito semelhante coisa. Devia estar a apaixonar-se. Mas o seu coração batia como sempre, com o mesmo ritmo e com a mesma intensidade. Então, levantou-se um desses ventos tubulares que toca as coisas uma a uma: o vento levantou do chão uma folha de jornal para a abandonar poucos metros depois, sacudiu a copa de uma árvore, fez vibrar um cartaz e desapareceu na distância. As pessoas apressaram o passo. José María olhou para o céu; havia grandes áreas de um azul-escuro carregado de estrelas, mas a tempestade estava lá, encapsulada numa dúzia de nuvens, todas prontas a rebentar.